



# DE MÃOS DADAS



Assim que o despertador tocou, a mãe entrou no quarto e passou-lhe a mão nos cabelos. Com os olhos abertos, veio à cabeça de Clara o grande acontecimento desse dia. Sentiu-se imediatamente nervosa por ser a manhã em que iria correr no corta-mato da escola.

– É hoje! – exclamou. Preferia ficar o dia todo a jogar «Sing Party», uma espécie de karaoke onde cada jogador cantava da melhor forma que conseguisse, tentando nunca falhar as letras.

Sábado era o dia em que a mãe a deixava estar a manhã toda com o seu *iPad*, na cama, na sala, na cozinha, onde lhe apetecesse. Gostava de convidar a Soraia e, as duas, podiam passar o dia todo entretidas com a cantoria. Eram as melhores amigas desde o primeiro ano de escola. Às vezes enganavam-se nas letras e aproveitavam o embalo para inventar letras novas, por cima das canções conhecidas. Riam-se que nem umas perdidas.

Mas hoje seria diferente. Depois de acordar ainda mais cedo do que nos dias de semana, foi para a mesa da cozinha onde a mãe, muito ensonada também, lhe disse:

– Hoje tomas um pequeno-almoço ligeiro. Para correr não se pode ter o estômago muito cheio.

– Ainda por cima só posso comer fruta e um pedacinho de pão?! – surpreendeu-se Clara.

– Ora, é para o teu bem. A seguir à corrida podes comer bastante, se te apetecer.

– Pufff!

Clara já desistira de se queixar à mãe, pois ela sempre lhe respondia:



– Se o teu professor acredita em ti, tens de acreditar em ti também.

Pois, na verdade a ideia de correr o corta-mato nunca lhe passara pela cabeça. Gostava de jogar voleibol, fazer ginástica, mas de correr não gostava. Nem desgostava. Porque havia o professor insistido tanto para que ela participasse? Teria de correr com as miúdas mais velhas, as do sexto ano. Isso intimidava-a. Ela ainda só estava no quinto ano.

É certo que o professor dizia: tu és uma das melhores corredoras da escola. Mas isso achava ele nas aulas de educação física, quando ela corria descontraída.

Competir com outras pessoas era diferente, deixava-a agitada, não gostava de como o seu coração se punha aos pulos.

A mãe, à despedida, disse-lhe:

– Não faças esse ar preocupado. O corta-mato é só para te divertires. A Soraia também vai, não vai?

Sim, ia correr com a melhor amiga. Ia correr com a sua melhor amiga. As duas tinham traçado a estratégia. Iam correr lado a lado, sempre, acontecesse o que acontecesse.

– Aconteça o que acontecer?

– Sim, aconteça o que acontecer, vamos juntas. Se parares, eu paro. Se continuares, eu continuo. E depois voltamos juntas para casa.

Soraia tinha menos velocidade e, de forma geral, menos jeito para todos os desportos. Tinha as melhores notas da turma a matemática, mas era muito desajeitada nas aulas de educação física.

Havia uma razão para existir este juramento entre as duas amigas. Há menos de um mês, Clara e Soraia, às escondidas, tinham entrado numa velha casa abandonada no fim da rua onde moravam.

O plano parecia perfeito. Clara saiu dizendo que ia para a casa de Soraia e Soraia saiu ao mesmo tempo dizendo que ia para a casa da Clara – com isto ganhavam cinco ou dez minutos para explorarem a casa sem portas nem janelas. Até leva-

vam umas meias de *nylon* velhas para usar na cabeça. Assim, as suas caras ficavam esquisitas e ninguém as podia reconhecer, como nos filmes.

Ao entrar na casa, uma tábua virou-se de repente e, apesar do grande susto, as duas concordaram em continuar a explorar. Eram muito aventureiras. O problema é que, depois de percorrerem um grande corredor, ouviram uma voz:

– Quem é que está aí?

E um cão desatou a ladrar. Clara olhou para Soraia e disse:

– Foge!

Não esperou por qualquer reacção da amiga correndo desalmadamente sem sequer olhar para trás.

Ofegante, tão cansada, sentou-se no degrau à entrada da sua casa, olhou em volta à procura da amiga mas apenas apareceu a mãe, que lhe perguntou:

– Então? Pensava que estavas na casa da Soraia?

– Ah! Bem... vim a correr para cá.

– Ah sim! Olha que bom, quer dizer que afinal já te estás a entusiasmar com o corta-mato. Andas a treinar, fico contente. Agora entra, vá, que a tua tia e o teu primo estão mesmo a chegar e vamos jantar.

– Mas, mas... Eu esqueci-me de uma coisa em casa da Soraia.

– Pedes-lhe amanhã. Entra e vai tomar banho. Já estás atrasada.

Clara sentiu-se a explodir por dentro. A explodir de preocupação com a amiga. O que lhe iria acontecer? Quem seria a pessoa a falar? E o cão, será que mordida? Não, não podia deixar a amiga em apuros e esperar até amanhã.

– Mãe, tenho mesmo de ir a casa da Soraia, deixei lá os meus trabalhos de casa para amanhã.

– Mas vocês vão juntas para a escola, qual é o problema?

– É que não tenho a certeza se lá os deixei mesmo.

A mãe olhou-a com um ar muito desconfiado.

– Minha filha, tu sabes bem: não vale a pena mentir, descobre-se sempre. E tu fazes má figura.

Ai que raiva – pensou –, a mãe tinha razão, as mentiras só traziam problemas.

Então a mãe disse:

– Já viste quem está ali no pátio?

Clara espreitou à janela e viu a amiga sentada nas escadas. Correu até lá fora e em breve estavam a dar um abraço.

– Conta-me, conta-me, o que aconteceu?

– Nada – respondeu a Soraia –, fugi como tu me disseste, só demorei um pouco mais, mas consegui safar-me. Que grande susto! Quem seria aquela pessoa?

– Oh amiga, abandonei-te quando senti medo.

E Clara pediu desculpa.

– Tu corres muito, nem consegues controlar a velocidade. Para a próxima, espera por mim.

– Claro! E não voltamos mais àquele lugar.

– Combinado, aquilo não tem piada nenhuma.

– Agora tenho de me ir embora, se não a minha mãe vem aqui buscar-me. Isto é o nosso segredo, hem!

– Segredo para sempre.

Chegou então a manhã do corta-mato e a hora da contagem decrescente para a partida.

As duas amigas estavam de mãos dadas no meio das muitas dezenas de meninas e quando a corrida começou foram as duas lado a lado.

Não davam as mãos a correr porque não dá jeito correr assim.

O percurso começava dentro da escola mas saía do recinto para dar uma grande volta a uma zona de mato ali ao lado. Primeiro todas as meninas tinham de correr por uma grande subida em terra batida, depois uma zona plana coberta de árvores e, por fim, de regresso, a subida transformava-se numa grande descida.

Ora, logo quando a subida se acentuava, sendo muito difícil manter a velocidade, Soraia abrandou o passo. Clara viu-a afo-





gueda e diminuiu a sua passada para conseguir ir ao lado da amiga. Entretanto muitas meninas passavam à frente.

Clara, então, disse:

– Que se passa? Não consegues manter o ritmo?

Até aqui continuavam a correr, mais devagar, mas sempre em movimento. No entanto, Soraia parou de repente e, com as mãos nas pernas, debruçou-se como se fosse vomitar.

– Amiga, o que aconteceu, estás a sentir-te mal?

– Ai, não consigo mais... Mal consigo respirar.

– Acalma-te, respira fundo – pediu-lhe Clara.

Soraia assim fez, mas perdera a coragem e o ânimo de continuar a corrida.

– Vou ficar aqui, não consigo ir mais. Vou parar um pouco e depois volto para trás a pé.

– O quê? A sério? Ok, então eu fico contigo.

– Nem pensar! Continua e acaba o corta-mato. Tu fazes isto com uma perna às costas, eu sei.

– Não posso continuar sem ti.

– Podes, deves e vais! Põe-te a andar. Olha a quantidade de gente que já nos ultrapassou, entretanto.

– Exacto, eu estou no fim de tudo, já não tenho hipóteses.

– Clara, tu és das melhores corredoras da escola! Além disso, pouco importa se vais ganhar, vais-te sentir muito feliz por teres terminado a corrida. Eu só não o faço por questões de saúde, não consigo mesmo correr e respirar como deve ser. Força, tu és capaz.

Clara achou um disparate abandonar a amiga, mas aceitou as suas razões e voltou à corrida.

Rapidamente estava a fazer um *sprint* sem grande esforço. Sem esperar por ninguém, quase voava. Tinha sido ultrapassada por muitas outras concorrentes, mas agora era ela que, uma a uma, as ultrapassava e ia completando o percurso.

Sem dar por isso já estava de novo no local onde deixara Soraia, de regresso à escola. Quando reconheceu o local pensou: «já falta pouco, estou a chegar».

Na última recta viu três meninas e, com um esforço adicional, ultrapassou-as, já a poucos metros de cortar a meta. Sim, a meta estava intacta, uma fita estendida que Clara empurrou com a sua barriga.

De repente, professores, alunos e funcionários rodearam-na festejando! Tinha ganho a corrida, sem se aperceber, sem sequer ter dado por isso, conseguira ser a primeira a chegar!

Logo o professor de educação física veio com a taça, não perdeu tempo e pôs-lha nas mãos dizendo:

– Eu bem sabia que tu eras boa a correr! Olha para ti, ganhaste o corta-mato da escola!

Só assim Clara acreditou que era verdade. Ganhara.

Quando passou aquela agitação toda, Soraia apareceu, piscou-lhe o olho e deu-lhe os parabéns.

– Ainda bem que continuaste.

– Nem sei como fiz isto. Ganhei... olha, ganhei sem querer!

Riram-se e Soraia acrescentou:

– As melhores coisas às vezes acontecem sem estarmos à espera, sem querer!

– A taça é bonita. Tenho uma taça!

– E eu não tenho uma taça, mas tenho uma amiga!

– Pois tens e eu também. Vamos ver quem ganha hoje no campeonato do karaoke!

E voltaram para casa, um pouco cansadas, com muita fome, de mãos dadas.